



“ Anais do I Seminário Internacional  
de Ciências do Ambiente e  
Sustentabilidade na Amazônia ”

# O CULTIVO DE MALVA NO BAIXO SOLIMÕES: ESPECIFICIDADES DE UMA CULTURA ANFÍBIA NA AMAZÔNIA

Aldenor da Silva Ferreira; Therezinha de J. P. Fraxe; Antônio Carlos Witkoski  
aldenorsferreira@hotmail.com.br

Realização



Apoio



SDS

Secretaria do Estado do meio Ambiente e  
Desenvolvimento Sustentável



## INTRODUÇÃO

O cultivo de malva (*Urena Lobata* L.) para obtenção de fibras é uma modalidade de trabalho que abrange os quatro períodos hidrológicos da região amazônica. O processo tem início no período da vazante dos rios (preparação do roçado e semeadura), posteriormente, ele avança e se consolida no período da seca (limpeza do roçado, para que haja um crescimento perfeito das plantas). O processo finaliza-se durante a enchente e cheia dos rios, quando estes atingem suas cotas máximas (lavagem e desfibramento das hastes de malva). Portanto, é uma cultura que transita por todos os períodos hidrológicos e necessita disso, ou seja, enchente, cheia, vazante e seca é fundamental para o êxito dessa atividade. A obtenção das fibras é feito totalmente dentro da água.

Em alguns casos essa modalidade agrícola representa para muitas famílias que habitam as comunidades rurais localizadas nas várzeas do estado do Amazonas a única forma de obtenção de renda. Todavia, seu caráter anfíbio acarreta muitos problemas de saúde para os trabalhadores, ou seja, é uma atividade adaptada ao meio amazônico, mas para ser socialmente viável e economicamente sustentável precisa de incremento tecnológico no processo produtivo que possibilite a retirada do trabalhador de dentro da água.

## OBJETIVOS

Objetivamos neste texto descrever o processo de trabalho na cultura da malva, enfocando as singularidades e especificidades do mesmo e, também, as consequências negativas para a saúde dos trabalhadores que buscam nessa atividade, obter os recursos necessários para sua reprodução material e simbólica.

## METODOLOGIA

Esse trabalho é um recorte da pesquisa intitulada “Trabalhadores da malva: (re)produção material e simbólica da vida no baixo Solimões apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia no ano de 2009.

Nessa pesquisa o método etnográfico e a técnica da pesquisa de campo foram imprescindíveis para o estabelecimento de novas abordagens sobre a vida dos trabalhadores da malva. Um exercício de imaginação sociológica foi deveras importante para uma análise quantitativa e qualitativa da produção de malva no baixo Solimões, especificamente nas comunidades rurais de Nossa Senhora das Graças, município de Manacapuru; Bom Jesus, município de Anamá e Santo Antônio, município de Anori. Por se tratar de uma produção agrícola anual, foi necessária a utilização de dados secundários para um histórico quantitativo da produção de malva na microrregião. Esse aspecto foi contemplado a partir da

manipulação de dados oficiais, sendo necessário à construção de gráficos, tabelas e planilhas. Contribuíram para a quantificação a Secretaria de Produção Rural do Amazonas (SEPROR), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas, (IDAM), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo Amazônia (PIATAM) e o Núcleo de Socioeconomia da Universidade federal do Amazonas (NUSEC), cujo banco de imagens e de dados, relatórios e apoio logístico foram determinantes para a execução da pesquisa.

A coleta dos dados primários foi feita no decorrer de cinco viagens a campo, durante os meses de março, maio, junho, julho e dezembro de 2008. Foram aplicados 36 questionários, cujas perguntas abertas e fechadas versavam sobre questões estruturais da pesquisa. Os questionários aplicados foram divididos para as três comunidades, sendo oito em Nossa Senhora das Graças, 18 em Bom Jesus e 10 em Santo Antônio. Foram entrevistados por amostra 10 trabalhadores da malva, sendo dois em Nossa Senhora das Graças, oito em Bom Jesus e dois em Santo Antônio. Essa técnica foi importante, pois com o gravador, os trabalhadores da malva discorreram livremente sobre suas atividades cotidianas com a malva. Mantivemos contato com 46 trabalhadores nas três comunidades, o que perfaz um total 43,9% do universo de trabalhadores.

No tocante às delimitações e escolhas dos atores sociais que foram entrevistados e observados, não foram selecionados de maneira aleatória, mas sim fazendo uso de critérios de prioridade com relação de pertinência à pesquisa. De acordo com (HAGUETTE 1992 p. 96):

A escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística. Embora a montagem do universo – listagem dos atores que poderão fornecer contribuições úteis ao desenvolvimento de certo tema – seja fundamental, sempre existem alguns personagens cuja contribuição é imprescindível, daí porque sua inclusão na lista de entrevistados seja intencional.

A soma das famílias das três comunidades é de aproximadamente 120. Sendo 38 famílias em Bom Jesus, 65 famílias em Nossa Senhora das Graças e 17 famílias em Santo Antônio, e o número de trabalhadores da malva, foco da pesquisa foi de 82 trabalhadores. É válido ressaltar que esse número corresponde à safra 2007/08, período eleito para a investigação e execução da pesquisa. A partir da safra 2008/09, houve mudanças no número de trabalhadores, mas não foram cobertas pela investigação.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### O PLANTIO NA LAMA: PERÍODO DA VAZANTE

O calendário agrícola da várzea é elaborado, na maioria das vezes, levando-se em consideração o regime fluvial e, também o pluvial (inverno e verão). Maio, por exemplo, é o mês que marca uma fase de transição, quando na maioria das vezes ocorre a normalização das chuvas e o nível das águas atinge a cota máxima. Os meses de maio e junho formam o trimestre da cheia, quando uma grande parte das áreas cultiváveis fica submersa. O mês de julho e agosto marca o início da vazante, esse período propicia rápida reintegração de áreas submersas à atividade agrícola.

A atividade agrícola dos trabalhadores da malva se intensifica de forma significativa a partir do que é conhecido regionalmente como “verão”. Nesse período as condições edafoclimáticas favorecem o desenvolvimento de várias espécies agrícolas. À medida que as águas baixam, o plantio de malva tem início. O plantio nessa época é denominado pelos agricultores de “plantio na lama”. Consiste em lançar as sementes nas áreas que foram preparadas previamente, no final da colheita do ano anterior. Estas nascerão primeiro que a vegetação natural da várzea, e será necessário apenas no máximo três capinas para eliminar a vegetação que posteriormente nascerá em torno das mudas.

Nas comunidades pesquisadas, há uma preferência pelo plantio na lama, pois segundo os trabalhadores, nesse sistema não há a necessidade de arar a terra, e a capina é facilitada pela não compactação do solo sendo necessárias no máximo duas a três capinas. A primeira para retirar as ervas daninhas que podem sufocar a malva, a segunda para garantir que a mesma cresça e se desenvolva e a terceira é para fazer o desfilhamento, ou seja, a retirada do excesso de galhos das plantas. Esse procedimento é, também, segundo os camponeses, uma medida de segurança, pois com a malva desfilhada a visualização no momento do corte é bem melhor, diminuindo a possibilidade de surpresas, tais como cobras escondidas nos pés das plantas.

**Figura 1 – Plantio na lama.  
Fonte: Nusec/Ufam, 2008.**



As fotografias acima revelam as singularidades e especificidades desta atividade agrícola. O solo está repleto de tocos que são referentes à safra do ano anterior. Isso só é possível, devido às características dos solos das várzeas amazônicas, que de maneira geral, possuem grande capacidade germinativa. Comportam-se de maneira diferenciada, devido sua fertilização anual provocada pelas cheias do rio Solimões/Amazonas e de seus afluentes e subafluentes, que adicionam ao solo material mineral e orgânico no estado sólido, líquido e gasoso. A remoção, a translocação, e a transformação desses materiais definem o perfil desse tipo de solo. “O nível elevado do lençol freático e a inundação periódica a que estão sujeitos limitam o processo pedogenético, resultando em solos jovens e, em alguns casos, apenas sedimentos em processo incipiente de pedogênese” (LIMA, 2007 p. 37). Os solos das comunidades estudadas apresentam composição bastante variada, como reflexo da diversidade e da natureza recente do material de origem, das condições periódicas de hidromorfismo e do reduzido grau de pedogênese. Sabe-se que na formação do solo não ocorre um processo pedogenético isoladamente, mas a predominância de pelo menos um deles adição – pela chuva, pelo ar ou pela vegetação, como acréscimo vertical descendente (iluviação) e laterais de soluções provenientes de outros solos ou mesmo verticais ascendentes a partir do lençol freático e por evapotranspiração, a remoção – que ocorre quando a precipitação é maior que a evapotranspiração e os materiais do solo são lavados para baixo ou para fora dele.

Figura 02 – Traços de uma cultura anfíbia.



Fonte: Nusec/Ufam, 2008.

## A COLHEITA: PERÍODO DA ENCHENTE E CHEIA

A partir do sexto mês a malva já está pronta para a colheita, o que ocorre a partir de março e pode chegar até junho. Entretanto, isso varia de acordo com a época do plantio, as características do terreno em relação ao nível da águas e, também, a velocidade da enchente. O processo de colheita constitui-se basicamente de seis etapas: corte e formação dos feixes, maceração, desfibramento, secagem e enfardamento. O corte é realizado com auxílio do terçado e é feito rente ao solo, para que haja um aproveitamento máximo da planta. A formação dos feixes depende do local onde é plantada a malva (várzea alta ou baixa). Se o plantio for feito em várzea alta, a água ficará um pouco distante do roçado, nesse caso, poderá haver um tempo para as folhas murcharem para que o feixe perca peso, facilitando dessa forma o transporte para as águas, todavia, isso também dependerá do desenvolvimento das plantas. Se a malva atingir uma medida de 3 a 4 metros de altura, os feixes serão formados em média a partir de 20 a 30 hastes cada. Se as terras forem baixas não há esse processo de secagem dos feixes. Eles são cortados e levados diretos para a água onde ficam submersos por cerca de 7 a 8 dias (malva madura) para macerar. Essa etapa do processo produtivo é a que acarreta maiores problemas de saúde para o trabalhador. Ele fica em média de 8 a 10 horas durante 6 dias na semana com a água acima do joelho e, às vezes, na altura da cintura, porém no final da colheita, dependendo do terreno a água pode chegar à altura do pescoço. Geralmente quando chega nesse nível, os campones lavam a malva em balsas improvisadas (troncos de árvores que flutuam) ou de dentro da canoa.

## OS PERIGOS E DESGASTE FÍSICO

O momento do desfibramento é onde o trabalhador da malva corre alguns perigos e, também, tende a desenvolver algumas doenças que eles definem como reumatismo, gripe, problemas dermatológicos devido à insolação, fungos nas unhas dos pés e das mãos, problemas oftalmológicos e outros. Nessa etapa do processo de trabalho há, também, o risco iminente de ataque de cobras, poraquês, araias, jacarés, lacraias, formigas, escorpiões e sanguessugas. Esse é o momento mais penoso dessa atividade, podemos afirmar categoricamente que esta etapa do processo produtivo representa a degradação objetiva do corpo. Eles sabem dos riscos que correm, todavia, poucas coisas podem fazer para evitar os acidentes, há um imperativo categórico à sobrevivência – trabalhar é preciso. Esse modo de desfibrar a malva é o mesmo desde o início dessa atividade na região no século passado.

Figura 3 – Degradação objetiva do corpo.

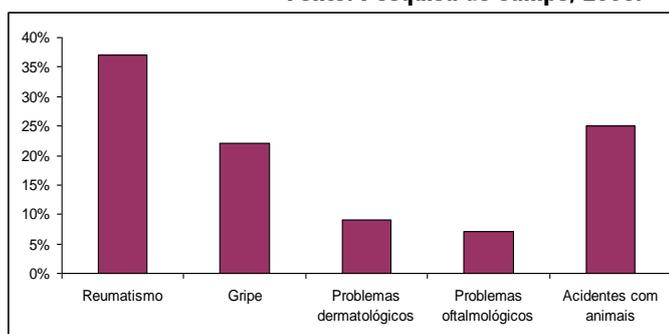


Fonte: Nusec/Ufam, 2004/08.

Os acidentes com animais são constantes e, se não são em maiores proporções, é devido às estratégias que os trabalhadores utilizam antes de entrar na água, ou no momento de puxar um feixe para ser desfibrado. Geralmente eles batem na água com varas com intuito de afugentar os animais. Todavia, isso não representa garantias reais de segurança. O **gráfico 1** mostra as principais problemas apontados pelos trabalhadores da malva.

Gráfico 1 – Os problemas do processo de trabalho na água

Fonte: Pesquisa de campo, 2008.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura da malva tem potencial para ser viável economicamente. Para isso é preciso que sejam incorporadas no processo produtivo tecnologias que eliminem a necessidade da água. A insalubridade do mesmo poderia ser praticamente eliminada a partir da introdução de novos métodos de obtenção da fibra que fundamentalmente retirasse o trabalhador de dentro da água e, também, que acelerasse o processo de desfibramento. A introdução de máquinas descorticadoras poderia ser uma alternativa para essa questão.

O mercado para as fibras vegetais existe. O Brasil necessita anualmente de 20 mil toneladas de fibras de malva e/ou juta para atender suas industriais. Esse mercado tem potencial de crescimento a médio e longo prazo fundamentalmente pelo apelo ecológico que as fibras vegetais estão tendo por parte de consumidores de países importadores de fibras vegetais como os europeus. A própria União Européia abriu, desde 1971, um sistema de quotas, paralelamente ao Sistema Geral de Preferências (SGP), inicialmente para produtos manufaturados de juta e de fibras de coco originários de certos países em desenvolvimento. Essas preferências assumiram a forma de uma redução progressiva das tarifas alfandegárias da Comunidade Européia até a suspensão total dessas tarifas, entre 1978 e 31 de Dezembro de 1994. É uma possibilidade de geração de emprego e renda que precisa ser considerada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992 p. 96.

LIMA, H. N. Os Solos da Paisagem da Várzea com Ênfase no Trecho entre Coari e Manaus. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.